

Conexão e Coesão: Análise do Fazer Enunciativo em uma Crônica Jornalística

Conexion and Cohesion: Analysing the Enunciative Making in a Journalistic Chronicle

Esther Gomes de Oliveira*
Isabel Cristina Cordeiro*

* Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Resumo

O objetivo deste estudo é, com base na teoria dos gêneros do discurso proposta por Bakhtin e, posteriormente, pelo interacionismo sócio-discursivo (ISD) proposto por Bronckart, comprovar, por meio da descrição e análise dos mecanismos de textualização presentes em uma crônica jornalística, a importância desses elementos constitutivos da textualização no fazer enunciativo e no estabelecimento da coerência temática do texto. Um grande interesse pelo estudo da linguagem como processo de interação, alicerce fundamental do conceito de gênero, é outro fator motivador para a realização desse trabalho.

Palavras-chave: Crônica. Fazer enunciativo. Mecanismos de textualização.

Abstract

The aim of this paper is, based on the discourse genres theory proposed by Bakhtin and, later, by the socio-discursive interactionism (SDI) proposed by Bronckart, to evidence, by means of a description and analysis of the textualization mechanisms taking place in a journalistic chronicle, the importance of those textualization constituent elements to the enunciative making and to the establishment of the text thematic coherence. A great interest in the language study as an interactive process, essential to the genre conception, is another motivational factor to the realization of this work.

Keywords: Chronicle. Enunciative making. Textualization mechanisms.

1 Introdução

O ISD é um quadro teórico que entende as condutas humanas como 'ações situadas' cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização (BRONCKART, 2003, p.13).

A partir da proposta de Bakhtin (1997) e das posições teóricas apresentadas por Bronckart (2003), entre outros analistas da linguagem, os estudos sobre gêneros discursivos têm conquistado um grande espaço, contribuindo para a análise de diferentes textos (orais e escritos), incluindo novos métodos e procedimentos de trabalho que complementam as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (BRASIL, 1998), os quais sugerem os gêneros como objeto de ensino e os textos como unidades de análise.

Tomando como base essa concepção, a análise do *corpus* será realizada segundo o interacionismo sócio-discursivo proposto por Bronckart (2003); Schneuwly (1994); Schneuwly e Dolz (1996). Assim sendo, traçaremos, inicialmente, algumas noções bakhtinianas.

2 Sobre os Gêneros do Discurso

"Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua" (BAKHTIN, 1997, p.279). Perceber a utilização da língua como um processo com múltiplas e heterogêneas maneiras de realização é fundamental para

a compreensão do ponto de partida proposto por Bakhtin para conceituar gênero do discurso. Para o autor, o ser humano, em quaisquer de suas atividades, vai servir-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, o fazer enunciativo realizar-se-á de maneiras diversas.

A estas diferentes formas de manifestação dos enunciados, Bakhtin (1997, p. 279) denomina gêneros do discurso, já que "[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados".

Vale comentar que essa "relativa estabilidade", que é inerente a um dado gênero, chama a atenção e deve ser compreendida como algo passível de alteração, aprimoramento ou expansão. Em se tratando de linguagem, que é atividade verbal, modificações podem ocorrer em função de desenvolvimento social, de influência cultural, ou de outros tantos fatores com que a língua tem relação direta, até mesmo com a própria característica histórica. Ciente do caráter inesgotável das atividades humanas, e seu constante processo de crescimento e evolução, fica impossível definir quantitativamente os gêneros, que se diferenciam e se ampliam, continuamente. É o uso que determina a possibilidade de transformação.

Um aspecto relevante, que alude de forma direta à questão do uso, é o fato de que devemos considerar o gênero como um meio social de produção e recepção do discurso. Para classificar determinado enunciado como pertencente a dado gênero, é necessário que verifique-

mos suas condições de produção, circulação e recepção. E, ainda, é de extrema relevância observar que o gênero, como fenômeno social que só existe em determinada situação comunicativa e sócio-histórica. Caso modifiquemos tais condições é possível que um mesmo enunciado passe a pertencer a outra classificação.

Bakhtin, com sua proposta de conceituação para os gêneros do discurso, supriu a necessidade de se compreender os enunciados como fenômenos sociais, resultantes da atividade humana, caracterizados por uma estrutura básica, suscetível a determinadas modificações. Um gênero do discurso é parte de um repertório de formas disponíveis no movimento de linguagem e comunicação de uma sociedade. Desse modo, só existe relacionado à sociedade que o utiliza. Então, é fundamental perceber o gênero como um produto social e, como tal, heterogêneo, variado e suscetível a mudanças.

Os PCNs partem do pressuposto de que a língua se realiza no **uso** das práticas sociais, no espaço em que os homens (em diferentes momentos, lugares e contextos) se apropriam dos seus conhecimentos por meio da ação com e sobre eles, tal como estão postos no mundo, em situações reais de uso. Assim, o homem utiliza a língua, tanto oral quanto escrita, dentro de uma concreta e determinada situação comunicativa, com condições e finalidades específicas, produz discurso que significa “dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução” (BRASIL, 1998, p.7).

Portanto, ao desejarmos dizer algo para alguém, o fazemos dentro de um determinado gênero disponível na cultura, caracterizado por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Isso quer dizer que qualquer usuário da língua, ao interagir verbalmente com outro, organizará o seu discurso levando em conta o que quer dizer (conteúdo), com a seleção operada nos recursos da língua – lexicais, fraseológicos e gramaticais -, o modo de dizer (estilo) e com a estrutura que quer dar ao seu texto. Falar ou escrever, portanto, exige a articulação desses três aspectos constituídos num todo que é o gênero adotado pelo usuário.

Em resumo, o conteúdo temático é o assunto de que vai tratar o enunciado em questão, a mensagem transmitida. Já o plano de composição alude à estrutura formal propriamente dita. Por fim, o estilo leva em consideração questões individuais de seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais, entre outros. Esses três aspectos são válidos apenas se considerarem todo um contexto, ou seja, os enunciados pertencem à determinada esfera da atividade humana, são devidamente localizados em um tempo e espaço (condição sócio-histórica) e dependem de um conjunto de participantes e suas vontades enunciativas ou intenções.

Podemos concluir, então, que as três características que definem um gênero: plano composicional, estilo verbal e conteúdo temático, “fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 1997, p.279).

Isto quer dizer que o falante de uma língua seleciona o gênero discursivo, bem como a organização seqüencial

(narrativa, explicativa, descritiva, argumentativa, injuntiva, dialogal), historicamente determinado que melhor atenda às suas intenções comunicativas dentro das possibilidades do uso social daquele gênero, nas reais condições em que acontece a produção daquele texto. O próprio falante opera uma seleção dos recursos disponíveis na língua para determinadas condições e finalidades; ele dá formas diversas aos seus textos, dependendo de suas condições de produção.

Delimitados esses aspectos, descreveremos, de modo geral, algumas características basilares – segundo o ISD – que constituem os mecanismos de textualização.

3 Sobre o ISD (Interacionismo Sócio-Discursivo)

As proposições teóricas do ISD (BRONCKART, 2003) derivam de uma psicologia da linguagem, princípios herdados dos trabalhos de Vygotsky (1985), recorrem também à sociologia de Habermas (1987), à filosofia de Bakhtin (1997; 1999), à teoria dos atos de fala de Wittgenstein (1975) e à análise das formações sociais elaborada por Foucault (1969), entre outros.

Segundo Cristóvão e Nascimento (2005, p.35):

No interacionismo sócio-discursivo (ISD) tal como é proposto por Bronckart parte-se, primeiramente, do exame das relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inscrevem, a seguir, das capacidades que as ações colocam em funcionamento e, sobretudo, das condições de construção dessas capacidades.

As “capacidades de linguagem” dizem respeito: a) às capacidades de ação (escolha de um modo de apreensão: narrar, expor...); b) às capacidades discursivas (adoção de uma forma de seqüencialidade: narração, descrição, argumentação...); e c) às capacidades lingüístico-discursivas (uso dos mecanismos de textualização). Essas decisões configuram os tipos de discurso, os quais se constituem em gêneros.

A ênfase de nosso trabalho recai sobre as **capacidades lingüístico-discursivas**, ou seja, sem desvalorizar as capacidades de linguagem no todo. Os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal) são nossos focos.

4 Sobre os Mecanismos de Textualização

Para desvendar a trama da organização interna dos textos, Bronckart (2003) apresenta um aparelho conceitual denominado “folhado textual”, composto por três níveis superpostos e, em parte, interativos, a saber: a) a infra-estrutura geral do texto; b) os mecanismos de textualização; c) os mecanismos enunciativos.

Os mecanismos de textualização contribuem para a progressão do conteúdo temático e constituem um dos níveis de análise do ISD. Os elementos constitutivos da textualização explicitam ou marcam relações de continuidade, de ruptura ou de contraste, contribuindo para o estabelecimento da coerência temática do texto.

Tais mecanismos formam uma das camadas do “folhado textual” e encontram-se “fundamentalmente articulados à linearidade do texto, explicitam, tendo em vista o

destinatário, as grandes articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais do texto” (BRONCKART, 2003, p.122).

São 3 os conjuntos de operações de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

4.1 Conexão

Para Bronckart (2003, p. 263), “os mecanismos de conexão contribuem para marcar as grandes articulações da progressão temática e são realizados por um subconjunto de unidades, chamadas organizadores textuais”. A conexão marca a progressão do tema por meio desses organizadores textuais aplicáveis não só ao plano geral como também entre tipos de discurso, entre fases de uma seqüência, e entre frases sintáticas. As marcas de conexão – organizadores textuais – pertencem a categorias gramaticais diferentes (advérbios, conjunções, preposições...) e se organizam em sintagmas também diferentes (adverbiais, nominais...); explicitam as relações existentes entre os diferentes níveis de organização de um texto. Esses mecanismos exercem função de ligação (justaposição/coordenação) e/ou de encaixamento (subordinação).

Os quatro tipos de discurso delimitados por Bronckart (2003) são compostos de múltiplas unidades, diferenciadas claramente pelo valor semântico: alguns organizadores têm valor temporal (depois, antes que...), outros têm valor lógico (porque, ao contrário) e outros têm valor espacial (mais longe, desse lado...).

Segundo o ISD os organizadores com valor temporal aparecem nos discursos da ordem do narrar; os organizadores lógicos são mais freqüentes nos discursos da ordem do expor; os espaciais são característicos das seqüências descritivas e assim por diante, embora essa relação de correspondência seja apenas parcial e de ordem estatística. Na verdade, os organizadores (temporais, lógicos e espaciais) podem aparecer em diferentes tipos de discursos e seqüências (BRONCKART, 2003),

4.2 Coesão nominal

Os mecanismos de coesão nominal marcam relações de dependência ou descontinuidade entre dois subconjuntos de constituintes internos às estruturas de frase. Responsáveis pela introdução de temas e/ou pensamentos novos, e por assegurar sua retomada ou substituição no desenvolvimento textual, esses mecanismos explicitam as relações de dependência existentes entre elementos que compartilham uma ou várias propriedades referenciais. Tais relações são feitas por sintagmas nominais ou pronomes, constituindo as cadeias anafóricas.

Há duas funções de coesão nominal: a) *função de introdução*: marca a inserção de uma unidade de significação nova (unidade-fonte) que dá origem a uma cadeia anafórica; b) *função de retomada*: consiste em reformular, retomar essa unidade-fonte no decorrer do texto (por meio de anáfora).

De acordo com Bronckart (2003, p.270), a marcação da coesão nominal é feita por duas categorias de anáforas: 1) **anáforas pronominais**: categoria composta de pronomes pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos e reflexivos; 2) **anáforas nominais**: categoria

composta por diversos tipos de sintagmas nominais.

Segundo o ISD, nos tipos de discurso da ordem do NARRAR, há maior freqüência de anáforas pronominais de 3ª pessoa; nas seqüências descritivas, maior freqüência de anáforas nominais com determinante possessivo. Nos tipos de discurso da ordem do EXPOR, os discursos interativos apresentam pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, com acúmulo de valores dêitico e anafórico; nos discursos teóricos, é comum a retomada por meio de anáforas nominais associadas a relações complexas de co-referência.

4.3 Coesão verbal

Os mecanismos de coesão verbal estabelecem retomadas entre séries de predicados, ou ainda, entre séries de sintagmas verbais; tais unidades lexicais contribuem para a evolução do conteúdo temático, produzindo um efeito de progressão.

Os mecanismos de coesão verbal contribuem para a explicitação das relações de continuidade, descontinuidade e/ou de oposição existentes entre os elementos de significação expressos pelos sintagmas verbais. (Bronckart, 2003, p.273).

A coesão verbal é marcada pela escolha adequada, e obrigatória, dos Tempos Verbais. Bronckart (2003) refere-se a alguns estudos teóricos que analisam os valores verbais, segundo três classes gerais de significados (tempo, modo e aspecto). Entretanto, critica o fato de estes estudos serem realizados com base em frases descontextualizadas. Por isso, o autor propõe uma análise do valor verbal inserido no discurso, ou seja, no seu funcionamento efetivo em textos.

Nas abordagens-padrão admite-se que os valores dos verbos devem ser analisados em termos de relações entre o momento da fala e o momento do processo expresso pelo verbo.

Bronckart (2003, p. 276) descarta essa abordagem binária e fisicalista e propõe que “qualquer análise das relações temporais deve considerar, não dois, mas três parâmetros: ao momento da produção e ao momento do processo, deve-se acrescentar o que Reichenbach (1947) chama de momento psicológico de referência”.¹

O mundo discursivo da narração é disjuncto do mundo ordinário e também autônomo; é ancorado pela presença de uma origem espaço-temporal, a partir da qual os processos são organizados no sucessivo. O segmento da narração apresenta dois tempos de base: o pretérito perfeito e o imperfeito.

O mundo discursivo do relato interativo é disjuncto do mundo ordinário do ato de produção, mas implicado, isto é, ancorado em uma origem dêitica. É composto por dois tempos dominantes: o pretérito perfeito e o imperfeito, associado, às vezes, por formas do mais-que-perfeito, do futuro do presente e do futuro do pretérito. O mundo do discurso teórico (pertencente à ordem do expor) tem caráter conjunto ao mundo ordinário do agente-produtor, com ausência de origem espaço-temporal, e é também autônomo em relação aos parâmetros do ato de produção. Há dominância das formas do presente, ausência

de formas do futuro e presença de pretérito perfeito e presente com valor genérico. O mundo do discurso interativo é conjunto ao mundo ordinário do agente-produtor e implicado aos parâmetros do ato de produção. Há dominância do presente e do pretérito perfeito, acrescentando uma forma de futuro composto; esses tempos exprimem, respectivamente, a simultaneidade, a anterioridade e a posterioridade. Há elevada densidade verbal nesse tipo de discurso.

5 Sobre as Condições de Produção do *Corpus*

Segundo Hartuique (2003, p.143),

a crônica é um gênero de classificação ambígua. Escrevendo sobre fatos do cotidiano, o cronista não pode deixar de falar de seus sentimentos, ou de narrar belas, tristes ou engraçadas histórias e de descrever diversas situações.

A crônica jornalística em questão, de Arnaldo Jabor, pertence ao mundo discursivo do “Expor”. Trata-se de “Discurso Interativo”, mas apresenta fortes passagens de relato interativo, com variados tipos de seqüências: descritiva, explicativa, narrativa, expositiva e argumentativa. Como afirma Marcuschi (2002, p.27), “[...] há uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais”.

As condições de produção não são circunstanciais, são históricas. O enunciador é Arnaldo Jabor; o enunciatário é o público-leitor do jornal; o veículo (suporte) é o jornal Estado de S. Paulo; o momento sócio-histórico reflete-se no tema central do texto: a morte do Papa João Paulo II.

Outro aspecto relevante diz respeito às formações discursivas presentes no texto. O fazer enunciativo recom põe o *éthos* do enunciador, fator vital para a compreensão dos sentidos do texto. O sujeito, segundo Authier-Revuz (1990), é interpelado pelo inconsciente, marcado sócio-historicamente pelas ideologias do momento.

Assim sendo, a história de Arnaldo Jabor, um ex-cineasta que, a partir de 1990, dedicou-se ao jornalismo como cronista da vida artística, política e cotidiana do país, torna-se imprescindível para a compreensão do estilo do enunciador do texto, o qual escreve artigos inspirados na linguagem dos roteiros cinematográficos. As formações discursivas (FDs) determinam as escolhas do enunciador, marcam suas ideologias e revelam o *éthos*, a própria imagem de si no discurso.

A crônica, para Schnewly e Dolz (1996), é um gênero discursivo cujo domínio social é o da memória e o da documentação das experiências humanas vividas, e a capacidade de linguagem dominante é a representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.

A seguir, passaremos à análise do *corpus* que não será exaustiva, mas apresentará um exemplo do funcionamento dos mecanismos de textualização na arquitetura interna dos textos.

6 Análise do *Corpus*²

Elaboramos a análise dos trechos que melhor exemplificam os mecanismos de textualização, e para visualizar, mais facilmente, tais mecanismos, faremos a transcrição dos enunciados escolhidos:

a) O estado de S. Paulo:

Terça-feira, 5 de abril de 2005. Texto de Arnaldo Jabor. Essas informações apresentam uma seqüência descritiva, incluindo o veículo, a data e o autor do texto. São sintagmas com valores espacial e temporal pertencentes à ordem do expor (mundo ordinário).

b) Título: “Eu não gostava do papa João Paulo II”:

Neste caso, temos uma seqüência expositiva; o pronome eu, com valor dêitico, constitui uma anáfora pronominal, isto é, refere-se ao agente-produtor do texto, e o sintagma nominal Papa João Paulo II é a unidade-fonte que originará a cadeia anafórica. Quanto à coesão verbal, o pretérito imperfeito (gostava) marca relação de anterioridade ao momento de produção, sugerindo mudança de opinião no momento da produção.

c) “Escrevo enquanto vejo a morte do papa na TV. E me espanto com a imensa emoção mundial. Espanto-me também comigo mesmo: “Como eu estou sozinho!” - pensei.”

No exemplo acima, ocorre uma seqüência descritiva seguida de uma exposição. Quanto à conexão, o enquanto articula a idéia de simultaneidade dos atos verbais (escrever e ver), os articuladores e e também indicam a ligação de idéias entre os enunciados. A coesão nominal é marcada pelos pronomes pessoais me, comigo e eu, que representam anáforas pronominais e pelo substantivo Papa, indicando uma anáfora nominal com o objetivo de substituir a expressão João Paulo II. Na coesão verbal, temos o presente dêitico (escrevo, me espanto), marcando a 1ª pessoa, o agente-produtor, com noção de simultaneidade ao momento de produção; e o pretérito perfeito (pensei), indicando o intradiscorso, o monólogo interior do enunciador.

d) “Meu pai, engenheiro e militar, me passou dois ensinamentos: ele era ateu e torcia pelo América Futebol Clube. Claro que segui seus passos. Fui América até os 12 anos, quando “virei casaca” para o Flamengo (mas até hoje tenho saudade da camisa vermelha, garibaldina, do time de João Cabral e Lamartine Babo), e parei de acreditar em Deus”.

Na ocorrência em tela, o texto foi construído dentro de uma seqüência narrativa, marcada, principalmente, pela conjunção quando, que articula a temporalidade e a subordinação entre as frases do texto. Outra conexão seqüencial é expressa pela conjunção adversativa mas, indicando a oposição em ser América (até os doze anos) e Flamengo (depois dos doze anos), e a coordenação entre as frases. Para a marcação de tempo, a expressão até hoje finaliza essa seqüência narrativa. A coesão nominal ocorre com o sintagma nominal pai, originando a seguinte cadeia anafórica: engenheiro, militar, ateu, que

¹ Reichenbach (1947 *apud* BRONCKART, 2003). Esse terceiro parâmetro, um pouco mais complexo, diz respeito à referência temporal psicológica.

² Em anexo, encontra-se a crônica de Arnaldo Jabor na íntegra. A foto do Papa foi inserida para melhor visualização da cena descrita pelo enunciador no texto.

também constituem as anáforas nominais em substituição ao termo pai. Em “Ele era ateu”, o pronome pessoal reto ele corresponde a uma anáfora pronominal, também substituindo a palavra pai. A coesão verbal concretiza-se pelo uso do pretérito perfeito, tempo característico da seqüência narrativa, revelando processo concluso.

e) “Sei que “de mortuis nihil nisi bonum” (“não se fala mal de morto”), mas devo confessar que nunca gostei desse papa. Por quê? Não sei. É que sempre achei, nos meus traumas juvenis, que papa era uma coisa meio inútil, pois só dava opiniões genéricas sobre a insânia do mundo, condenando a “maldade” e pedindo uma “paz” impossível, no meio da sujeira política”.

Neste caso, a seqüência do texto instaura uma explicação, principalmente, pelo uso do organizador textual, pois, que apresenta, também, a conclusão da seqüência explicativa. O articulador, mas manifesta a contrariedade entre: “não se fala mal de morto” e “nunca gostei desse papa”. As palavras desse e meus, como anáforas pronominais, formalizam a coesão nominal. Quanto à coesão verbal, o presente dêitico (sei, devo) marca a 1ª pessoa, o agente-produtor. O pretérito perfeito, também de forma dêitica na 1ª pessoa, expressa a relação de anterioridade ao momento da enunciação.

f) “Um dia, o papa foi alvejado no meio da Praça de São Pedro, por aquele maluco islâmico, prenúncio dos tempos atuais. Eu tenho a teoria de que aquele tiro, aquela bala terrorista despertou-o para a realidade do mundo. E o papa sentiu no corpo a desgraça política do tempo. Acho que a bala mudou o papa. Mas, fiquei irritadíssimo quando ele, depois de curado, foi à prisão “perdoar” o cara que quis matá-lo. Não gostei de sua “infinita bondade” com um canalha boçal. Achei falso seu perdão que, na verdade, humilhava o terrorista babaca, como uma vingança doce”.

O trecho acima realiza uma seqüência narrativa entremeadada por seqüências argumentativas. As locuções um dia e depois de articulam a temporalidade, característica primordial para expressar a narratividade. No meio da praça e à prisão também são organiza-dores, neste caso, responsáveis pela articulação espacial da seqüência narrativa. A locução adverbial na verdade imprime um teor argumentativo ao texto, apresentando a avaliação do enunciador. Para a coesão nominal, selecionamos as seguintes ocorrências: papa - anáfora nominal por repetição; aquele - anáfora pronominal; maluco - sintagma nominal que inicia a seguinte cadeia anafórica: cara, canalha, terrorista, que são anáforas nominais; eu - dêitico pessoal (enun-ciador); aquele (tiro), aquela (bala) - anáforas pronominais; o (despertou-o), ele, lo (matá-lo) - anáforas pronominais (em substituição à palavra papa); sua, seu - anáforas pronominais. Cabe ressaltar, também, a seleção lexical que pertence à competência lingüística do enunciador: “maluco islâmico”, “bala terrorista”, “canalha boçal”, “terrorista babaca” e “vingança doce”, contribuindo para a argumentação apresentada.

g) Foto papa

“Essa foto é um marco, um símbolo forte, quase como as torres caindo em NY. Parece um prenúncio do Juízo Final, um rosto do Apocalipse, a cara de nossa época. É aterrorizante ver o desespero do homem de Deus, do

Infalível, do embaixador de Cristo. Naquele momento, Deus virou homem. E, subitamente, entendi alguma coisa maior que sempre me escapara: aquele rosto re-torcido era o choro de uma criança, um rosto infantil em prantos! O papa tinha voltado ao seu nascimento e sua vida se fechava. Ali estava o menino pobre, ex-ator, ex-operário, ali estavam as vítimas da guerra, os atacados pelo terror, ali estava sua imensa solidão igual à nossa. Então, ele morreu.”

Neste texto, temos uma seqüência narrativa e uma descritiva. As expressões adverbiais naquele momento, subitamente, ali e então organizam o tempo e o espaço, características da narrativa. Os pronomes essa, nossa, naquele, me, seu, aquele e sua funcionam como anáforas pronominais; as expressões um rosto do Apocalipse, o homem de Deus, o infalível, embaixador de Cristo, homem, criança, menino, ex-ator e ex-operário funcionam como anáforas nominais, em substituição ao termo papa; o pronome pessoal reto ele é uma anáfora pronominal, também substituindo a palavra papa. Quanto à coesão verbal, o presente dêitico marca o agente-produtor e o pretérito perfeito indica o tempo verbal típico da seqüência narrativa.

7 Considerações Finais

O estudo do funcionamento dos discursos, proposto pelo ISD, constitui uma das vias de abordagem possíveis de uma concepção de significação que integra o uso e os fatores lingüísticos. A proposta de Bronckart, inspirada em Bakhtin, “é analisar a linguagem como prática social levando em conta seus aspectos sociais, intencionais, convencionais e ativos” (BRANDÃO, 2000, p. 25).

Os seres humanos se constituem e funcionam em grupos; suas capacidades e competências se desenvolvem num quadro de interações diversas, ou seja, a diversidade e a heterogeneidade são fundamentais nas manifestações da linguagem. As condutas humanas “constituem conjuntos organizados de ações que orientam os sujeitos, agentes vivos no mundo dos fatos e dos objetos” (BRANDÃO, 2000, p. 26).

Desse modo, a comunicação realiza-se sob a forma de ações de linguagens diversas, levando em consideração o contexto sócio-histórico, a situação de produção. Segundo Brandão (2000, p. 26), “as ações de linguagem se concretizam discursivamente dentro de um gênero de discurso como um processo de decisão”.

Garcez (1998) acredita que o enunciador, ao construir seu(s) enunciado(s), toma certas decisões, a saber: a) escolha do modo de apresentação (expor, narrar...); b) adoção de tipos de seqüências (narrativa, descritiva, argumentativa...); c) opção por implicar ou não os parâmetros da situação no texto (citar ou não o destinatário...). Estas decisões configuram os tipos de discurso, os quais se constituem em um gênero.

O gênero analisado, crônica jornalística, trata-se de discurso interativo cuja heterogeneidade tipológica acarreta variados mecanismos de textualização, ou seja, cada tipo de seqüência, necessariamente, define-se pela maneira como está ancorado na situação de produção (referente de um lado, interação social de outro), atribuin-

do ao discurso diferentes mecanismos (conexão, coesão nominal e verbal) com variados organizadores (espaço-temporal, anafórico, dêitico, tempos verbais diversos).

No discurso interativo, o referente está presente no espaço-tempo da produção; esse tipo de discurso implica o agente-produtor e os parâmetros da interação social, como mostrado na análise. O texto de Arnaldo Jabor é um gênero de discurso secundário, complexo e elaborado cuja relação com a linguagem é mediata. O gênero, assim, é um meio, um instrumento para a realização da situação comunicativa.

Em se tratando de circulação, esse texto faz parte de um importante jornal de nosso país, portanto, podemos estabelecer uma relação do gênero como um instrumento por meio do qual a linguagem se presta à determinada situação de comunicação.

O estilo de Arnaldo Jabor ressalta sua criatividade lingüística, ou seja, o enunciador recorre às perguntas retóricas, ao uso de metáforas, às comparações; o aspecto polissêmico das palavras é explorado, assim como a ironia é freqüente, enfim, recursos que visam a estabelecer interlocução com o leitor. Já os mecanismos de textualização – responsáveis por garantir a coerência temática do texto – variaram conforme os tipos de seqüências presentes na crônica. Cabe ao produtor escolher, dentre as seqüências disponíveis – descritiva, narrativa, injuntiva, explicativa, argumentativa, dialogal -, a que lhe parecer mais adequada, tendo em vista os parâmetros da situação.

Importante ressaltar que o texto é produto da interação social, em que cada palavra é definida como produto de trocas sociais; o enunciado está ligado a uma situação material concreta, assim como ao contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. Cabe ao interlocutor (leitor) atravessar a espessura das linhas e ler não apenas as vozes polifônicas dos enunciados, mas também as dos gêneros discursivos.

ANEXO

ARNALDO JABOR

O ESTADO DE S.PAULO Terça-feira, 5 de abril de 2005

Eu não gostava do papa João Paulo II

Escrevo enquanto vejo a morte do papa na TV. E me espanto com a imensa emoção mundial. Espanto-me também comigo mesmo: “Como eu estou sozinho!” - pensei.

Percebi que tinha de saber mais sobre mim, eu, sozinho, sem fé nenhuma, no meio deste oceano de pessoas rezando no Ocidente e Oriente. Meu pai, engenheiro e militar, me passou dois ensinamentos: ele era ateu e torcia pelo América Futebol Clube. Claro que segui seus passos. Fui América até os 12 anos, quando “virei casaca” para o Flamengo (mas até hoje tenho saudade da camisa vermelha, garibaldina, do time de João Cabral e Lamartine Babo), e parei de acreditar em Deus.

Sei que “de mortuis nihil nisi bonum” (“não se fala mal de morto”), mas devo confessar que nunca gostei desse papa. Por quê? Não sei. É que sempre achei, nos meus traumas juvenis, que papa era uma coisa meio inútil, pois

só dava opiniões genéricas sobre a insânia do mundo, condenando a “maldade” e pedindo uma “paz” impossível, no meio da sujeira política.

Quando João Paulo entrou, eu era jovem e implicava com tudo. Eu achava vigarice aquele negócio de fingir que ele falava todas as línguas. Que papo era esse do papa? Lendo frases escritas em partituras fonéticas... Quando ele começou a beijar o chão dos países visitados, impliquei mais ainda. Que demagogia! - reinando na corte do Vaticano e bancando o humilde...

Um dia, o papa foi alvejado no meio da Praça de São Pedro, por aquele maluco islâmico, prenúncio dos tempos atuais. Eu tenho a teoria de que aquele tiro, aquela bala terrorista despertou-o para a realidade do mundo. E o papa sentiu no corpo a desgraça política do tempo. Acho que a bala mudou o papa. Mas, fiquei irritadíssimo quando ele, depois de curado, foi à prisão “perdoar” o cara que quis matá-lo. Não gostei de sua “infinita bondade” com um canalha boçal. Achei falso seu perdão que, na verdade, humilhava o terrorista babaca, como uma vingança doce.

E fui por aí, observando esse papa sem muita atenção. É tão fácil desprezar alguém, ideologicamente... Quando vi que ele era “reacionário” em questões como camisinha, píflula e contra os arroubos da Igreja da Libertação, aí não pensei mais nele... Tive apenas uma admiração passageira por sua adesão ao Solidariedade do Walesa, mas, como bom “materialista”, desvalorizei o movimento polonês como “Idealista”, com um Walesa meio “pelego”. E o tempo passou.

Depois da euforia inicial dos anos 90, vi que aquela esperança de entendimento político no mundo, capitaneado pelo Gorbachev, fracassaria. Entendi isso quando vi o papai Bush falando no Kremlin, humilhando o Gorba, considerando-se “vitorioso”, renunciando as nuvens negras de hoje com seu filhinho no poder. Senti que o sonho de entendimento socialismo-capitalismo ia ser apenas o triunfo triste dos neoconservadores. O mundo foi piorando e o papa viajando, beijando pés, cantando com Roberto Carlos no Rio. Uma vez, ele declarou: “A Igreja Católica não é uma democracia”. Fiquei horrorizado naquela época liberalizante e não liguei mais para o papa “de direita”.

Depois, o papa ficou doente, há dez anos. E eu olhava cruelmente seus tremores, sua corcova crescente e, sem compaixão nenhuma, pensava que o pontífice não queria “largar o osso” e ria, como um anti-Cristo.

Até que, nos últimos dias, João Paulo II chegou à janela do Vaticano, tentou falar... e num esgar dolorido, trágico, foi fotografado em close, com a boca aberta, desesperado.

Emocionado, senti minha intensíssima solidão de ateu. Eu estava fora daquelas multidões imensas, eu não tinha nem a velha ideologia esfacelada, nem uma religião para crer, eu era um filho abandonado do racionalismo francês, eu era um órfão de pai e mãe. Aí, quem tremeu fui eu, com olhos cheios d’água. E vi que Karol Wojtyla, tachado superficialmente de “conservador”, tinha sido muito mais que isso. Ele tinha batido em dois cravos: satisfizes a reacionaríssima Cúria Romana implacável e cortesã e, além disso, botou o pé no mundo, fazendo o

que italiano nenhum faria: rezar missa para negões na África e no Nordeste, levando seu corpo vivo como símbolo de uma espiritualidade perdida. O conjunto de sua obra foi muito além de ser contra ou a favor da camisinha. Papa não é para ficar discutindo questões episódicas. É muito mais que isso. Visitou o Chile de Pinochet e o Iraque de Saddam e, ao contrário de ser uma “adesão alienada”, foi uma crítica muito mais alta, mostrando-se acima de sórdidas políticas seculares, levando consigo o Espírito, a idéia de Transcendência acima do mercantilismo e de ditaduras. E foi tão “moderno” que usou a “mídia” sim, muito bem, como Madonna ou Pelé. E nisso, criticou a Cúria por tabela, pois nenhum cardeal sairia do conforto dos palácios para beijar pé de mendigo na América Latina. João Paulo cumpriu seu destino de filósofo acima do mundo, que tanto precisa de grandeza e solidariedade. Sou ateu, sozinho, condenado a não ter fé, mas vi que se há alguma coisa de que precisamos hoje é de uma nova ética, de um pensamento transcendental, de uma espiritualidade perdida. João Paulo na verdade deu um show de bola.

Referências

- ALMEIDA, F. A. Enunciação, *éthos* e gênero de discurso na análise da interação. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (Org.). *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 71-84.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42. jul./dez. 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, D.P. de; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BRAIT, B. (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 1997.
- BRANDÃO, H.M. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Língua Portuguesa. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 35-59
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GARCEZ, L. *A escrita e o outro*. Os modos de participação na construção do texto. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- HABERMAS, J. *Théorie de l'agir communicationnel*. Paris: Fayard, 1987.
- HARTUIQUE, D. Crônica jornalística: um gênero ambíguo de texto. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (Org.). *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36
- NASCIMENTO, E. L. O discurso da sala de aula: ressonâncias dialógicas nos movimentos enunciativos. *Semina*, Londrina, v.21, n. 3; p.81-7; set. 2000.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: REUTER, Y. (Org.). *Les interactions lecture-écriture*. Paris: Peter Lang, 1994.
- _____; DOLZ, J. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *Enjeux*, Genebra, 1996. p.31-49.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jéferson Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- WITTGENSTEIN, L. *Remarques philosophiques*. Paris, Gallimard, 1975.

Esther Gomes de Oliveira

Doutora em Lingüística pela Universidade de São Paulo (USP).
Docente do Departamento de Letras Vernáculas Clássicas da
Universidade Estadual de Londrina (UEL).

e-mail: <ego@uel.br>

Isabel Cristina Cordeiro*

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual
de Londrina (UEL). Docente do curso de Letras da Universidade
Estadual de Londrina (UEL).

e-mail: <isabel-cordeiro@uol.com.br>

*** Endereço para correspondência:**

Rua Alberto Conte, 376 – Cep. 86.015-040 – Rolândia, Paraná,
Brasil.
